

# **Ressocialização baseada na Educação Ambiental e na Psicologia Ambiental**

## **Resocialization based on Environmental Education and Environmental Psychology**

**Gislaine Fátima Schnack**

<sup>1</sup> UFRGS - Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Av. Paulo Gama, 110 Bairro Farroupilha, CEP 90040-060 Porto Alegre/RS), <sup>2</sup> SEDUC - Secretaria da Educação (Av. Borges de Medeiros 1501 Bairro Praia de Belas CEP 90119-900 Porto Alegre/RS)  
gislaine.schnack@gmail.com

### **Resumo**

Este artigo busca refletir sobre formas de trabalhar comportamentos externalizantes, tais como agressividade, impulsividade, formando um grupo de psicologia com fins de socialização, utilizando como embasamento a teoria pouco estudada que é a Psicologia Ambiental aliada a Educação Ambiental. Esta tem como propósito sugerir uma nova maneira de perceber a problemática em questão e abordá-la a partir de uma visão mais humana que visa à transformação de crianças e adolescentes, que se encontram em vulnerabilidade social, utilizando como dispositivo o plantio de árvores como prática de um trabalho inclusivo. Vê-se no plantio de árvores, uma nova forma de inseri-las no contexto social, através de um ato de amor e cuidado com a natureza, que tende a refletir no amor a si, tendo como resultado a preocupação e o respeito ao próximo, numa prática ambiental que visa também à preservação e a proteção de futuras gerações, pois as árvores ali permanecerão.

**Palavras-chave:** natureza, comportamentos externalizantes, vulnerabilidade social, educação ambiental, psicologia ambiental.

### **Abstract**

This article seek to reflect on other ways to deal with externalized behavior (such as aggressive and impulsive behaviors) by forming a group with the objective of socializing its members, using as theoretical basis the often overlook theories of Environmental Psychology and Environmental Education. The latter suggests a new way to perceive the problem in question from a more humanistic approach; it aims to transform the lives of children and adolescents, who find themselves in social vulnerability, through the planting of trees, as a way to include them in the society. This planting of trees represents a new way to insert them in the social context, because, through this act of love and respect to the nature, they will learn to love themselves and their fellow man and it will also preserve and protect the environment to future generations.

**Keywords:** nature, externalized behavior, social vulnerability, environmental education, environmental psychology.

## INTRODUÇÃO

Toda ordem de convivência é construída, sendo assim, possível falar de mudanças. As ordens de convivência são construídas e não naturais, pois o homem é um dos poucos mamíferos que ataca, destrói, tortura e é capaz de matar seu semelhante. Segundo etólogos, especialistas em comportamento animal, afirmam que o homem tem baixo nível de inibição genética frente à vida de seu semelhante, diferindo da maioria dos animais superiores, que estão naturalmente inibidos a matar um ser da mesma espécie. Por isso o ser humano deve ser ensinado a não agredir, nem física, nem psicologicamente seu semelhante (TORO e WERNECK,1996). O que seria natural para o homem é viver em sociedade, portanto para Barbosa et al. (2011) a agressividade tem sido um tema comum entre as várias interfaces do conhecimento que envolvem a comunidade escolar, assim como causa de inquietação crescente entre pais, educadores e outros envolvidos, já que estas causas podem provocar o mau desempenho escolar, familiar e social do estudante e, no futuro, podendo ser desencadeante do contínuo aumento da violência social.

Conforme Pesce et al. (2008) a então crescente preocupação com estes dados sobre violência inquieta os educadores e os diversos atores envolvidos no processo educacional, o que os levam a resolver estes conflitos com medidas de contenção e repressão. Pois alguns educadores entendem que a agressividade é fruto de uma má educação ou mesmo uma doença, e para que possa ocorrer sua eliminação, esta deva ser por vias da correção ou ajuste.

Os comportamentos externalizantes para Pesce et al. (2008) caracterizam-se ou pelo comportamento de quebra-regras, com características de vandalismo, tendência a toxidependência, evasão escolar, falar palavrões e mentiras. E pelos comportamentos mais agressivos, como ameaçar pessoas, ser “esquentado” e com acessos de raiva, atacar fisicamente as pessoas, desobediência na escola e em casa sendo capaz de destruir coisas. Já os comportamentos internalizantes são caracterizados pelo retraimento, depressão, ansiedade, fobias e queixas somáticas mais interiorizadas pelas crianças e adolescentes.

Neste estudo o foco específico será dado aos comportamentos externalizantes, pois estes vêm sendo o maior desafio encontrado no trabalho realizado nas oficinas de psicologia, com um grupo de pré-adolescentes e adolescentes entre nove e 13 anos de idade, de uma organização não-governamental (ONG) em Porto Alegre, que possui altas incidências de vulnerabilidade social. Atendem-se na ONG, crianças oriundas de escolas públicas deste bairro, com problemas relacionados a dificuldades de aprendizagem e desvios no comportamento, atuando em turno inverso à escola, duas vezes por semana, no projeto pedagógico no qual este grupo participa no ano de 2011. O Grupo C foi constituído pelo Projeto Novos Horizontes, que objetiva o reforço escolar e a socialização com oficinas pedagógicas, de artes, música, teatro, psicologia. Os grupos eram divididos em letras. O Grupo C, portanto, recebia alunos e alunas com idades entre nove e 13 anos que foram selecionados após uma triagem prévia que avaliou suas dificuldades pedagógicas e também de acordo com a idade. As oficinas de Psicologia têm a duração de uma hora por semana, com

objetivo de socialização que, conforme Galliano (1981), a socialização seria o processo de aquisição de conhecimentos, padrões, valores e símbolos. Inclui-se ainda a aquisição da maneira de agir, pensar e sentir próprias do grupo, da sociedade, da civilização em que o indivíduo vive.

Para Pesce et al. (2008) o comportamentos e a personalidade dos indivíduos devem ser entendidas dentro de um sistema biológico e psicológico, pois estão inseridas nos diversos meios, como social, cultural, político e econômico. Segundo esta perspectiva ecológica o comportamento do indivíduo depende da interação destes meios e mais elementos do seu contexto como gênero, temperamento, desenvolvimento cognitivo, idade e pela sua própria personalidade. Pervin e John (2004) consideram como determinantes da personalidade os determinantes genéticos e ambientais, no primeiro somente a carga genética adquirida e o segundo, a soma dos demais fatores citados por Pesce et al. (2008) como o meio social, econômico e cultural constituindo os fatores ambientais.

Determinantes genéticos:

Os fatores genéticos desempenham um papel importante na determinação da personalidade, principalmente em relação aquilo que é único da pessoa, herdado através de gerações num processo evolutivo do desenvolvimento humano. Embora seja um atributo inato é muito precocemente influenciado pelas experiências sociais.

Determinantes ambientais:

- Cultura: cada civilização tem seus próprios padrões institucionalizados e sancionados de comportamento aprendidos, rituais e crenças, isso significa que seus membros terão características de personalidade em comum.

- Desenvolvimento econômico: o poder aquisitivo da pessoa também tem influência no desenvolvimento da sua personalidade, pois isto determina o papel que ele desempenha, os deveres que lhes são atribuídos e os benefícios que desfrutam ou não. Influencia na forma de como a pessoa se vê e percebe os demais, e na forma como ganha e gasta o dinheiro.

- Família: os pais podem ser afetuosos e amorosos, hostis e indiferentes, superprotetores ou possessivos, conscientes das necessidades de liberdade e autonomia de seus filhos ou não. Sendo assim, cada padrão de comportamento parental contribui significativamente no desenvolvimento da personalidade da criança.

- Pares: apesar da criança ou adolescente estar inserido num contexto familiar, os pares tem influência no seu comportamento. Pois apesar de aprenderem em casa, estes aprendizados são específicos do seu lar, e se modificam frente às influências dos grupos de pares. Estes servem para socializar o indivíduo, a conhecer novas regras de comportamentos e proporcionar experiências que terão influências duradouras sobre o desenvolvimento da personalidade. Objetivo deste grupo de socialização.

- Escola: tem papel de socialização, cidadania, formação de atitudes e opiniões, podendo ser espaço tanto de construção positiva da criança ou adolescente, quanto um espaço de reprodução de dificuldades vivenciadas na família e na comunidade (PESCE et al. 2008).

Pesce et al. (2008) citam que estes comportamentos podem ser combatidos se o

sistema onde o indivíduo estiver inserido for protetivo, o que não significa superproteção, o que o deixaria sem autonomia e independência. Um ambiente acolhedor e facilitador poderia diminuir de maneira significativa os comportamentos externalizantes. Há casos onde crianças com vidas difíceis são frequentemente testadas a respeito de sua capacidade de enfrentar as adversidades, mas que acabam demonstrando potencial de superação frente às estas desventuras, o que chamamos de resiliência. Encontram uma forma construtiva para reorganizar a vida após um problema, desenvolvendo a habilidade de acomodar e se reequilibrar frente às dificuldades da vida.

Segundo Barbosa et al. (2011):

O contexto familiar, se caracterizado como um ambiente harmonioso de convivência e integração, pode ser considerado um fator de proteção e de segurança necessárias ao desenvolvimento saudável da criança, favorecendo o desenvolvimento de condutas pró-sociais. Quando impregnado de conflitos e de modelos de agressividade, tende a se transformar num fator de risco para o desenvolvimento infantil. (BARBOSA et al, 2011, p. 230)

Portanto há indivíduos que diante das dificuldades tornam-se de tal forma vulneráveis, que passam a colecionar insucessos, podendo então, a vir apresentar comportamentos agressivos ou transgressores. Esses seriam ao invés de resilientes vulneráveis com maior probabilidade de um resultado negativo na presença da adversidade.

Este projeto objetivou estabelecer com o grupo um vínculo de confiança mútua e paz, para que os encontros pudessem ter um ponto de equilíbrio saudável para o desenvolvimento de habilidades sociais adaptativas. O plantio de árvores foi o fator desencadeante de um começo de mudança nos comportamentos externalizantes dos educandos: estimulando a refletir sobre seus comportamentos no cotidiano do grupo, possibilitando outras formas de manifestação dos sentimentos, conhecendo melhor a si e respeitando o próximo, com intuito transgeracional, onde modestamente se propôs formar uma nova geração consciente e preocupada com o ambiente e com os problemas relacionados à natureza. Acredita-se que desenvolvendo o conhecimento, as competências, o estado de espírito e as motivações, lhes permitirão trabalhar tanto individualmente como coletivamente para resolver ou tentar amenizar os problemas atuais e impedir que eles se repitam.

Ao estimular o contato com a natureza através do plantio das mudas de árvores, bem como o cuidado e a preservação das plantas, incita-se a consciência ambiental, num trabalho que permeia entre a educação ambiental e a educação para a paz e se possa refletir com o ato de plantar e preservar, o cuidado que devem ter consigo mesmo, o respeito com os demais, transmitindo estes valores para as futuras gerações.

Segundo Carvalho (2008) o grande desafio de um projeto ambiental é ir além da aprendizagem comportamental, engajando-se na construção de uma cultura cidadã e na formação de atitudes ecológicas. Esta atitude orientada para cidadania ecológica deve gerar novas predisposições para ações e escolhas por parte das pessoas. Nesse caso, mais do que comportamentos isolados, estaremos em face de um processo de amadurecimento de valores e visões de mundo mais permanentes.

Portanto segundo Pernambuco & Silva (2009) um projeto ambiental se propõe a ser uma educação interdisciplinar, transversal, de saberes, atitudes, sensibilidades, dialogando com novos problemas e produzindo reflexões, concepções, métodos e experiências,

construindo bases para conhecimentos e valores, portadora de uma nova sensibilidade e uma postura ética comprometida com um projeto de cidadania. Também deve abordar a totalidade dos sujeitos em sua ação transformadora do mundo, refletindo sobre práticas dessa ação, que poderá contribuir para abordar a educação ambiental, como uma prática de mudança do mundo. Mudança esta que se espera deste grupo de educandos, envolvendo a mudança na postura individual, que será a mudança necessária para se ter um ambiente harmonioso de trabalho no grupo e nas demais relações sociais.

O projeto ambiental visou uma compreensão do educando enquanto ser individual, tendo no contato com a natureza a visão de aprender a conviver socialmente, que é antes de tudo aprender a estar no mundo, aprendendo a cuidar e a preservar o meio-ambiente em que vivemos.

## **METODOLOGIA**

### **- Participantes**

Participaram deste projeto a autora dele, estagiária do 8º semestre de Psicologia, e os 10 educandos do Grupo C, cujas idades variavam entre nove e 13 anos de idade, perpassando assim desde a infância, pré-adolescência e adolescência, matriculados entre o 3º e o 5º ano do Ensino Fundamental. Oriundos de diferentes escolas do Bairro Partenon, Zona Leste de Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil. No dia do plantio, contamos com o apoio da equipe técnica da Zonal Leste, da Secretária de Meio Ambiente da Prefeitura Municipal de Porto Alegre (SMAM).

### **- Materiais**

Em cada etapa do projeto foram utilizados diferentes tipos de materiais; para as placas com o nome das árvores, foram utilizadas tintas coloridas, além de folhas que continham o nome de cada espécie, tanto nome popular como científico. As espécies de árvores plantadas foram Jerivá, *Syagrus romanzoffiana*; Tipuana, *Tipuana tipu* e Guabiju, *Myrcianthes pungens*, cedidas pela prefeitura municipal de Porto Alegre. Por se adaptarem ao local, todas as mudas tinham a altura de 1m e 80 cm (padrão estabelecido pela equipe técnica da SMAM). A equipe da prefeitura cedeu o material utilizado como luvas de couro, enxadas, pás, adubos, fios e estacas de madeiras.

Para a realização do poema e desenho para confecção do livro foram utilizadas folhas recicladas de tamanho A4, lápis preto, borracha, canetinhas e lápis de cor.

Nos desenhos das mudas, realizados na praça após o plantio, foram utilizadas pranchetas individuais, com folha A4 reciclada, lápis preto e borracha.

Para a exposição dos resultados, utilizamos diversas fotos dos educandos, registradas durante toda execução do projeto. Foi essencial em todas as etapas, o uso de câmera fotográfica para registrar a participação dos alunos colaborando nas atividades propostas.

### **- Procedimentos**

Todos os educandos possuem inscrição no Movimento pelos Direitos da Criança e dos Adolescentes (MDCA), ONG que oferece o projeto aos estudantes, um termo assinado pelos pais ou responsáveis, no que afirmam o direito ao uso de imagem.

Ao todo foram cinco encontros planejados e outros encontros que ocorreram neste intervalo, não sendo possível seguir cronologicamente o cronograma, devido ao intervalo de férias de inverno e demais atividades da instituição. No primeiro momento os educandos pintaram as placas e o nome das espécies de árvores a serem plantadas. Estes nomes foram

recortados e colados nas placas, e depois foi passada uma demão de verniz para dar durabilidade à placa. Neste momento a coordenadora pintou em casa as placas com verniz, devido à toxicidade da tinta.

Marcado o dia com a equipe da SMAM, fomos até a praça onde seriam plantadas as árvores, ficando a três quadras do MDCA. Uma grande equipe da SMAM nos esperava no local, onde iniciamos uma por uma o plantio das 12 mudas de árvores. Após o plantio foi realizado o encontro para os educandos expressarem os sentimentos ocorridos no dia da plantação, que poderia ser um texto e/ou poema e um desenho. Em outro encontro planejado, fomos até a praça para ver o desenvolvimento das árvores plantadas e fazer um desenho delas. Após, com estes materiais confeccionamos o livro do Grupo C, com os desenhos, poemas e textos construídos por eles, além de fotos de todo o andamento do projeto. O livro foi divulgado, com direito a sessão de autógrafos, onde foram convidados os demais educandos da ONG, educadores, funcionários e Conselho Diretor. Neste dia foi entregue um livro autografado para cada grupo, funcionários e equipe técnica. Houve distribuição de pirulitos e um poema num bilhete. No último encontro olhando as fotos de todas as etapas do projeto fizemos um *feedback*, um momento de sensibilização, onde a cada imagem que era mostrada através do data show os educandos lembravam cada momento de realização do projeto, o que havia acontecido, quem tinha feito o quê, como agimos nesta hora, relembrando cada passo do projeto e retomando mais uma vez os fatos acontecidos.

#### - Resultados e Discussão

O comportamento externalizante de grande parte dos educandos deste grupo ocupava boa parte do tempo, no início das atividades em abril de 2011, onde, infelizmente, o foco era fazer a “retenção” de comportamentos agressivos ou de quebra regras dos educandos, dificultando constantemente os objetivos das atividades propostas ao grupo e a inserção dos demais que não possuem este comportamento. Desta forma a justificativa deste projeto era a transformação destes comportamentos por meio de práticas que não seriam a repetição por meio da retenção ou punição e sim por outras estratégias. Sendo neste caso a Educação Ambiental e a Psicologia Ambiental escolhidas para que os educandos pudessem refletir sobre seus comportamentos.

Para Ceconnello & Coller (2011, citados por Habigzang et al., 2011):

O modelo ecológico, através de sua proposta de interação de seus principais componentes, constitui um referencial teórico, adequado para a realização de pesquisas sobre o desenvolvimento no contexto, pois permite incluir vários níveis de análise, possibilitando examinar a influência do ambiente para o desenvolvimento das pessoas (HABIGZANG et al., 2011, p. 363).

Desta forma, o comportamento dos educandos pode ser melhor investigado ao ser trabalhado fora da sala onde ocorriam os encontros. Além desta atividade externa, houve outras realizadas em ambiente externo, como o pátio da instituição e os passeios à praça para realização da maior parte do projeto. Os encontros deixaram de ser exclusivamente face a face na sala, se expandiram para novos horizontes: o pátio e o bairro.

Para Habigzang et al. (2011) o pesquisador ecológico deve compreender o fenômeno investigado através de quatro dimensões que estão interligadas através do modelo bioecológico onde são rerepresentados quatro aspectos multidirecionais inter-relacionados, o que é designado como modelo PPCT: "Pessoa, Processo, Contexto e Tempo". Conforme Martins e Szymanski (2004) Urie Bronfenbrenner formulou sua teoria do desenvolvimento humano, que foi publicada no final da década de 70, apresentando ao campo científico importantes premissas para o planejamento e desenvolvimento de pesquisas em ambientes naturais, através de uma abordagem ecológica. Portanto, o instrumento de análise de projeto

foi à observação com base no modelo PPCT de Bronfenbrenner.

Neste trabalho a dimensão pessoa se refere individualmente a cada educando do grupo C, compreendida pelas suas características biológicas, físicas e psicológicas, em interação num ambiente, o grupo de Psicologia. A dimensão processo se caracteriza pelos significados que o educando atribui à suas experiências, interações no ambiente no qual se desenvolve, neste caso o ambiente é a instituição que abriga o projeto. Na terceira dimensão o tempo se refere a sequencia de eventos que constituiu as histórias e rotinas da vida de cada educando. Conforme Alves (1999, Habigzang et al., 2011, p. 362) “o tempo funciona como um organizador social e emocional que aponta para a estabilidade ou instabilidades dos eventos no ciclo vital ou diário. Ou seja, o tempo necessário para que possa haver uma mudança nos comportamentos externalizantes não se dará de uma hora para outra, mas sim nas expectativas em relação à mudança que irão influenciar nas perspectivas de cada educando em relação ao futuro. E a quarta dimensão o contexto, que permeia o conjunto familiar do educando, a sua relação com a família, e desta com a instituição; o bairro, e mais amplo, que consiste em todo sistema de valores sociais, culturais, as ideologias, religiões, as crenças e os modos de vida de uma sociedade. Com esta perspectiva ecológica buscou-se trabalhar as melhores formas de integrar os educandos no grupo.

#### Construindo o ser cidadão

Para Toro e Werneck (1996) por não ser natural a convivência social requer aprendizagens que devem ser ensinadas, aprendidas e desenvolvidas diariamente. Portanto Toro (1993, citado por Toro e Werneck 1996) descreveu as sete aprendizagens básicas para a convivência social:

1º: aprender a não agredir o semelhante, fundamento de todo modelo de convivência social. Pois conforme o autor a agressividade é natural em todos os animais, incluindo o homem, pois ela gera força para lidar com situações difíceis e abordar problemas. Porém no homem a agressividade pode converter o amor em hostilidade (ódio) pelo outro e isso depende de como se foi ensinado e as experiências que se teve ao longo da vida. Por isso, enquanto fenômeno existente, e que gerou comportamento disfuncional no grupo, a agressividade foi trabalhada, questionada, e em troca construído e oferecido novos modelos de convivência, um dos objetivos principais do projeto.

2º: aprender a comunicar-se, base da autoafirmação pessoal ou do grupo. Pois conforme o autor a convivência social requer aprender a conversar, através da conversação podemos nos expressar, esclarecer, concordar, discordar e compreender. Pois como base para a autoafirmação, a comunicação que busca transmitir uma mensagem com sua forma de ver o mundo, busca nisso ser reconhecido pelos outros. A comunicação no grupo C, por muitas vezes era forjada pela incapacidade de escutar e entender o colega, não havendo tempo para uma resolução de conflitos de modo verbal, partindo-se para a agressão. Este ponto foi trabalhado em todas as etapas do projeto, com incentivo ao *feedback* após as atividades, escrita do poema para o livro do grupo. Portanto, a comunicação é peça chave fundamental para que possa ocorrer uma mudança na forma de como se relacionar com o próximo.

3º: aprender a interagir, base dos modelos de relação social. Aprender a ser e estar num determinado grupo de forma sadia e adaptativa. Mitigando os comportamentos externalizantes através de atividades que pudessem buscar novas formas de convivência social, aprendendo, segundo o autor, a perceber-nos e a perceber os outros como pessoas que evoluem e se modificam nas relações mútuas, mas guiados por regras básicas universais, os direitos humanos.

4º: aprender a decidir em grupo, base da política e da economia. O projeto desde o início

foi trazido e compartilhado a cada encontro com o grupo, onde se retomava as etapas anteriores através de *feedbacks* e, a partir disto, se resolvia em grupo os passos seguintes em relação às formas como o grupo vinha se comportando ao longo dos encontros. Conforme o autor foi um interesse colocado para fora, que fez com que os orientasse e comprometesse a todos pelas suas escolhas. Pois o grau de convivência de uma sociedade depende de sua capacidade de conciliar interesses de uma forma participativa em todos os níveis, pois aprendendo a negociar e consensar em grupo pode-se aprender a chegar a aprender o maior nível, o do interesse geral ou bem comum deste grupo.

5º: aprender a cuidar de si, base dos modelos de saúde e seguridade social. O plantio de árvores pelos educandos foi uma maneira de criar em cada educando uma postura mais consciente de si, este si, que seria o ‘eu’ e que este ‘eu’ não convive sozinho e sim com o ‘tu’ o ‘você’, ou seja, o ‘outro’ que se encontra bem próximo. Sentindo-se um ser individual sim, mas que convive no meio social e que este meio só terá harmonia se o ser individual aceitar e conseguir viver em grupo, pois um grupo se forma de seres individuais, e por esta razão se diz que ele é fruto do convívio social, que pode ser um “fruto doente” se não tiver pessoas conscientes de seu papel como cidadão de direitos e deveres e valores com seu próximo, inseridas neste grupo, ou seja, o contexto social no qual está inserido. Sendo senão desta forma a mera repetição de padrões de comportamento não adaptativos recorrentes de uma sociedade ‘doente’.

6º: aprender a cuidar do entorno, fundamentos da sobrevivência. Disse Rousseau em seu livro Emílio ou da educação (1972 citado por HERMANN 2009), “observei a natureza e segui o caminho que ela vos indica”, é fio que tece a educação de Emílio. Por este caminho forma-se primeiro o homem, que encontra dentro de si uma lei firme, para depois, como cidadão, preocupar-se com as leis do mundo. O homem tem por objetivo a sua própria conservação, e o cidadão, a conservação do corpo social. A liberdade moral do cidadão depende da preparação do homem, pois este só pode dar-se às leis sociais quando for dono de si, pelo domínio das paixões. Paixão esta que para Rousseau (1972) podem ser ternas e afetuosas, pois nascem do amor a si mesmo, pois as paixões odiantas e irascíveis nascem do amor próprio.

Toro (1993, citado por Toro e Werneck 1996) diz que a convivência social só é possível se aceitarmos que somos parte da natureza e do universo e que então não é possível ferir o planeta, pois ao ferir o planeta estamos ferindo a nós mesmos, o que supõe uma ética de convivência social que nos permita cuidar do local onde vivemos.

7º: aprender a valorizar o saber social, base da evolução social e cultural.

## CONCLUSÃO

O trabalho durante todo projeto foi realizado a partir de um saber cultural, onde a escolha da proposta foi por via da observação dos fenômenos encontrados no grupo, e que culminou no dia do plantio de árvores com a equipe de técnicos da prefeitura. O conhecimento necessário para o plantio foi através de informações sobre os tipos de mudas plantadas, o motivo de sua escolha, as técnicas utilizadas e o cuidado posterior envolvendo as árvores. Na ocasião os educandos puderam aprofundar seus conhecimentos em relação ao plantio e ao cuidado com as mudas plantadas. Além do saber acadêmico, através da escrita metodológica e teórica dos temas e assuntos abordados, observou-se que os dois saberes foram importantes para a construção de uma convivência social porque é no saber social, cultural e acadêmico que o homem evolui enquanto ser humano. Ficamos muito gratos pelo conhecimento repassado pela equipe técnica da SMAM que, com muita atenção nos recebeu e passou o conhecimento com muito carinho e respeito pelo trabalho que desenvolvem em relação aos cuidados da arborização da zona leste da cidade.

Este artigo resultou das reflexões realizadas após conversas entre saberes, com o olhar do pesquisador ecológico que busca formas diferentes de convívio social, não somente no indivíduo, mas em todo seu entorno. Com uma prática pacífica envolvendo o meio ambiente em contraponto aos comportamentos externalizantes apresentados pela maioria dos educandos do grupo, que ao longo dos encontros permitiram perceber a diferença que ocorreu em cada um, desde o início do ano letivo. Apresentaram mudanças lentas e graduais, sendo desta forma, mais significativas e duradouras nos fazendo acreditar que seu acontecimento depende de um ambiente saudável e facilitador. Pois como citado anteriormente os alunos possuíam no início do projeto comportamento externalizantes, de quebra-regras, de agressividade, impulsividade. Brigavam entre si constantemente, sendo que nestes momentos era necessário separar fisicamente os alunos. O Grupo C não produzia como os demais grupos do Projeto Novos Horizontes, e diversos educadores possuíam queixas recorrentes do Grupo C nas reuniões pedagógicas tanto da equipe de Psicologia como da Equipe Pedagógica. Este projeto foi necessário para uma tentativa que teve êxito para a ressocialização desses alunos e alunas para o sadio convívio consigo mesmo e com o próximo. O contato com a natureza, o plantio das árvores, as saídas à praça para acompanhar o desenvolvimento das árvores, a criação de desenhos, poemas, que culminaram com a criação do livro, foram etapas importantes do projeto que em conjunto auxiliaram de forma positiva na melhora do comportamento dos educandos. O que refletiu na qualidade das oficinas, e foi amplamente percebido pelos educadores das demais oficinas. Eles criaram uma identidade, um reconhecimento do esforço e da capacidade individual e coletiva deles de persistirem no projeto. Quando eles se apresentavam para algum novo educador, eles informavam que eram o grupo que havia plantado árvores e escrito um livro. Portanto, o projeto do seu início ao fim foi planejado, estudado, supervisionado para que pudesse alcançar esse resultado, a Ressocialização baseada na Educação Ambiental e na Psicologia Ambiental.

## **Agradecimentos e apoios**

Agradeço a todos os educandos do Grupo C que possibilitaram a realização deste projeto; a equipe da Zonal Lesta da SMAM, representada pelo Engenheiro Agrônomo Irineu Pedro Foschiera, que nos cederam o material e auxiliaram no dia do plantio; a Construtora DHZ, representada pelo colaborador Jaine, que nos doou a placas de madeira; ao colega e amigo Luiz Daniel S. Silva que colaborou com o abstract; a colega de estágio Eliane Maccari que se juntou na coordenação do grupo no meio do semestre, ao Biólogo Luciano de Azevedo Moura pela revisão e colaboração com a metodologia; as Psicólogas do MDCA Márcia Helena Wiehe Chaves e Caroline Galvão pela revisão e supervisão durante todo projeto e a supervisora acadêmica Maria Eloisa Farias pela revisão e orientações.

## **Referências**

BARBOSA, Altemir José Gonçalves (et al.) A agressividade na infância e contextos de desenvolvimento: família e escola. *Psico*. Porto Alegre, v. 42, n. 2, p. 228-235, abr/jun, 2011. Disponível em:

<<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistapsico/article/viewFile/6791/6526>>.

Acesso em: 22 jan. 2017.

CARVALHO, Isabel Cristina de Moura. Educação Ambiental: a formação do sujeito ecológico. São Paulo: Cortez, 2008.

GALLIANO, Guilherme. Introdução à Sociologia. São Paulo: Harper & Row do Brasil, 1981.

HABIGZANG, Luísa Fernanda (et al.) A violência no contexto escolar e a inserção ecológica do Psicólogo: Um relato de experiência. In.: KOLLER, Sílvia Helena (Org). (2011). Ecologia do desenvolvimento humano: pesquisa e intervenção no Brasil. São Paulo: Casa do Psicólogo. 359-384

HERMANN, Nadja. Rousseau: o retorno à natureza. In: CARVALHO, Isabel Cristina de Moura; GRÜN, Mauro; TRAJBER, Rachel (Orgs). Pensar o ambiente: bases filosóficas para a Educação Ambiental. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, UNESCO, 2009. p. 93-109. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/publicacao4.pdf>>. Acesso em 22 jan. 2017.

MARTINS, Edna; SZYMANSKI, Heloisa. A abordagem ecológica de Urie Bronfenbrenner em estudos com famílias. Estud. pesqui. psicol., Rio de Janeiro, v. 4, n. 1, jun. 2004. Disponível em: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1808-42812004000100006&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-42812004000100006&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em 16 jan 2017.

PERNAMBUCO, Marta Maria; SILVA, Antônio Fernando G. da. Paulo Freire: a educação e a transformação do mundo. In: CARVALHO, Isabel Cristina de Moura; GRÜN, Mauro; TRAJBER, Rachel (Orgs). Pensar o ambiente: bases filosóficas para a Educação Ambiental. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, UNESCO, 2009. p. 207-219. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/publicacao4.pdf>>. Acesso em 22 jan. 2017.

PERVIN, Lawrence A.; JOHN, Oliver P. Personalidade, teoria e pesquisa. 8º ed. Porto Alegre: Artmed, 2004.

PESCE, Renata Pires; ASSIS, Simone Gonçalves de; AVANCI, Joviana Quintes. Agressividade em Crianças. Um olhar sobre comportamentos externalizantes e violências na infância. Rio de Janeiro: FIOCRUZ/ENSP/CLAVES/CNPq, 2008. Disponível em: <<file:///C:/Users/User/Downloads/agressividade.pdf>>. Acesso em 22 jan. 2017.

TORO, Jose Bernardo. WERNECK, Nisia Maria Duarte Furquim. Mobilização Social: um modo de construir a democracia e a participação. Brasil: UNICEF, 1996. Disponível em: <<http://www.comprender.com.br/gestao/files/biblioteca/5b1eeb01411d764ed1046eea1b92be10.pdf>>. Acesso em 22 jan. 2017.